

A VOZ NARRATIVA DOS CONTOS DE FADAS: A PRÁTICA DE CONTAR HISTÓRIAS ENTRE AS MULHERES

*Fabiana Sena da Silva**

Este trabalho tem como objetivo focalizar a representação da figura feminina na voz da narradora dos contos de fadas, apontando os contextos históricos, que constituem o pano de fundo em que eles se movem e se transformam.

Desde o Romantismo, os contos de fadas têm sido freqüentemente compreendidos como narrativas imutáveis, puras que resistiram ao tempo e se transmitiram pela tradição oral, através das gerações.

No final do século XVII, quando os contos de fadas surgiram pela primeira vez em publicações, os literários relacionaram as velhas senhoras com a narrativa de histórias fantásticas, pois tais relações apontavam para a oralidade da mulher que se apresentava como gênero e desenvolvimento de instrumento moralizador e socializador na vida das meninas e dos meninos.

O tempo e o lugar originais dos contos de fadas muitas das vezes não são determinados, quase sempre sabemos que é o narrador de uma história antiga numa possível variação, possibilitando-nos de até identificar quem formava o círculo de ouvintes em determinado tempo e lugar. De acordo com Warner (1999, p. 41), os colecionadores do século XIX nem sempre registravam o nome das suas fontes que coletavam a história, diferentemente do que ocorre hoje. E o aspecto da transmissão dos contos de fadas não foi levado em consideração que era o caráter feminino do narrador.

A prática comumente feita pelos europeus na Idade Média era a leitura em voz alta para as famílias. A arte de contar histórias já existia desde os tempos remotos da Antiguidade. E na Idade Média, mais precisamente na França do século XVII, essa forma artesanal de comunicação continuou com mais intensidade nos lares das aldeias. Pois, como as mulheres e crianças não freqüentavam a escola, elas eram obrigadas a aprender a ler em casa, tendo a responsabilidade de ler para a família, mas não de escrever, que na concepção do clero, elas podiam ter independência na sua forma de pensar e se expressar. Em meio à realização de tarefas domésticas rotineiras, as mulheres narravam histórias folclóricas, fofocas e contos de fadas como forma de entretenimento para os membros de sua família. Tais reuniões, que podiam ser chamadas de *veillées*, aconteciam normalmente no período noturno, próximo à lareira (WARNER, 1999, p. 47).

Já na Corte de Luís XIV, as mulheres, chamadas de “preciosas” por promoverem a arte literária através de escritos de ensinamentos e preceitos morais, deram prestígio aos contos de Perrault por desejarem dividir com os homens espaço no mundo intelectual. Essas mulheres transgrediram as regras do papel da leitora européia, pois a elas cabiam manter os bons costumes da tradição e do ritual familiar. E na busca por esse espaço, elas desenvolviam essa atividade com maior destaque do que os homens, nos salões parisienses,

* Mestranda em Educação - Universidade Federal da Paraíba.

onde recebiam convidados para ouvir histórias reais e imaginárias, trocar notícias, debater e teorizar, especular e conspirar. Warner (1999, p. 77) assevera que, nesses espaços, os contos de fadas mais conhecidos pelas crianças modernas foram bordados e cuidadosamente cultivados como parte de um projeto consciente de derrubar preconceitos e remodelar os valores e atitudes convencionais. A cultura dos salões na segunda metade do século XVII fomentou a arte da conversação como uma das habilidades fundamentais da civilização.

Esses encontros deram início ao movimento “Preciosismo”, sendo respeitado pelos aristocratas e burgueses do século XVII. Entretanto, as “preciosas” não conseguiram ultrapassar os salões literários, pois tiveram as suas participações impedidas pela Academia de Letras da França, e de outra forma, não puderam conquistar outros locais a fim de que pudessem desempenhar a sua arte literária. Mendes (2000, p. 52) levanta uma possibilidade a esse movimento de que “talvez não seja errôneo afirmar que nos salões das “preciosas” surgiu o primeiro movimento socialmente organizado em defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres, podendo até mesmo ser considerado um ancestral do feminismo do século XX”.

Embora sejam os escritores e colecionadores do sexo masculino os que dominaram a produção e a disseminação de contos maravilhosos populares, muitas vezes não imaginamos que tais narrativas circularam primeiramente no cotidiano das mulheres, desde a Antiguidade. Essas fiandeiras de contos muitas vezes apresentavam-se como Scherzades, usando a narrativa para obter uma resolução satisfatória e justa (MENDES, 2000).

A função pedagógica da história maravilhosa aprofunda a afinidade entre a categoria social que as mulheres ocupam e os contos de fadas. Estes possibilitam a troca de conhecimento entre a voz da experiência de uma pessoa mais velha e um público mais jovem, apresentam imagens de perigo e possibilidades que se encontram adiante, usam o terror para fixar limites para as escolhas e oferecem consolo aos injustiçados, desenham contornos sociais ao redor de meninos e meninas, pais e mães, ricos e pobres, comandantes e comandados, apontam os malfeitores e recompensam os virtuosos, enfrentam as adversidades com sonhos de vingança, poder e vindicação.

Desde meados do século XVII, governantas, empregadas da família, trabalhadoras que moravam na casa-grande, no castelo ou perto deste, na cidade e no campo, passaram a ter uma relação diferente com os homens e mulheres de elite, que podiam outrora ter estado sob seus cuidados quando crianças. Elas dominavam as redes domésticas de informação e poder; o bairro, o vilarejo, o poço, os locais de lavagem, as lojas, os bancos de igreja e as ruas eram sua arena de influência, e não apenas o ambiente doméstico.

Os mexericos e os contos de fadas têm em comum uma relação descuidada com a exatidão: as verdades que buscam transmitir não relatam eventos com a veracidade de uma testemunha no tribunal. São parciais, tendendo ao excesso tanto nos louvores como nas censuras; a bisbilhotice é uma atividade engajada. Embora ambos os tipos de discurso tendam a ser praticados pelos membros menos favorecidos da sociedade, é possível conquistar influência considerável, até mesmo perigosa, por meio deles. Difamação, escândalo, boatos, todos os aspectos dos mexericos reaparecem metamorfoseados no enredo dos contos de fadas que destacam madrastas malvadas, falsas noivas e noivos predatórios (WARNER, 1999).

As crianças, não importam sua classe social, brincando ao redor de mulheres mexeriqueiras aprendem as regras do grupo; os contos de fadas as instruem em termos de atitudes e aspirações. Essa influência pode ser conservadora: os velhos podem oprimir os

jovens com proibições e preconceitos na tentativa de esclarece-los. Mas, de qualquer forma, a bisbilhotice passa informações vitais sobre os valores e crenças da comunidade em que crescem – ensina-lhes em quem se deve confiar, o que é considerado louvável, o que é condenado, fala de alianças e inimizades, esperanças e perigos. As histórias têm a mesma função, pois delineiam um mapa do terreno.

Para tanto, esses contos estão envoltos em fantasia e irrealidade, o que sem dúvida colaborou para que entretivessem o público – tanto nos salões elegantes como nos lares das aldeias -, mas também servem ao propósito maior das histórias: revelar possibilidades, marcar um modo diferente e uma nova percepção do amor, do casamento e das artes femininas, defendendo assim um meio de escapar de limites impostos e do destino prescrito.

REFERÊNCIAS

- MENDES, Mariza B. T. **Em Busca dos Contos Perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- WARNER, Marina. **Da fera à Loira: sobre contos de fadas e seus narradores.** São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

